

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevistadora:** Naomi Akimoto Iria

**Entrevistada:** Nikita Guarani Nhandeva

São Paulo, 15 de junho de 2021

**Duração:** 2 horas e 30 minutos

Realizada na plataforma Google Meet

---

### Um pé aqui, o coração lá - experiências de uma mulher indígena no contexto urbano

**Naomi:** Boa, noite Nikita, se quiser, já pode se apresentar, nome, data e local de nascimento

**Nikita:** Então, eu sou a Nikita Guarani Nhandeva, Nikita no guarani, Ortência no português .. já vivo no contexto urbano há algum tempo, e a gente no contexto urbano é muito questionado o porquê vive no contexto urbano. Sou educadora, militante e autora do projeto “Respeita a Nossa História”. Sou da aldeia Porto Lindo, Japorã no Mato Grosso do Sul e vivo em Valinhos, São Paulo. Tenho levado esse projeto “Respeita a Nossa História” porque a todo tempo a nossa história não é respeitada a todo tempo em todos os sentidos eu levo isso para as escolas e universidade em forma de palestra e aulas, porque as pessoas precisam ter o conhecimento sobre nós e nosso povo. Eu levo aquilo que eu vivo na pele, porque é sempre uma luta e resistência. A minha frase eu diria que é resistir para existir, porque foi isso que aconteceu comigo. Eu saí da aldeia com 10 anos, meus pais morreram, e eu fui doada para um casal aqui de Valinhos. Quando eles me trouxeram, eles disseram “Daqui pra frente você não é Nikita, você não é Ortência, você não é indígena”. Então é muito complicado você ouvir isso onde você tem o ensinamento diferente, aí você se encontra numa cultura totalmente diferente da sua. É um choque cultural muito grande. E eu só tinha 10 anos, então é muito complicado você ouvir isso, e eu ter que a todo tempo ouvir que eu não sou indígena. Eu no contexto urbano encontrei muita dificuldade porque o meu documento é indígena e na verdade há 10 anos eu tenho documento civil. E como se há 10 anos eu fizesse parte da sociedade, porque até então, hoje eu tenho 45 anos, mas tinha 10 anos quando vim para o contexto urbano e eu não consegui entrar na escola. O casal não me colocou na escola pelo fato de ter o documento indígena e eles não serem meus pais. Em muitos lugares eu levei não por ser indígena. Eu no trabalho procurei trabalho com 13 anos de idade. Porque eu tinha que trabalhar, mas não falava português. Com 10 anos eu nunca conheci cidade, não falava português. Então é muito complicado viver em contexto urbano porque as pessoas não têm conhecimento sobre nós. Isso dificulta muito a nossa vida no contexto urbano. Fui procurar emprego, mas falaram “aí mas você não fala português”, e eu tendo que repetir a todo momento que “eu sou capaz”, “me dá uma chance porque eu sou capaz”. Então tem coisas que a gente tem que tomar uma atitude e correr atrás. Eu não tinha idade para trabalhar, mas eu precisava trabalhar. Viver no contexto urbano é ter que trabalhar. Quando você é filha adotiva e é de outro povo, é complicado. Com 14 anos eu saí da casa de casal, porque ela me disse “nao consigo, nao posso ficar com você aqui, você é indígena, seu documento é indígena”. Eu pensei, tinha que ter ajuda de alguma forma, “ela” procurou um advogado e o advogado disse pra ela “você

arrumou um problemão“. Ai o que acontece, te enxerga como um problema, eles não tentam te ajudar. E’ mais fácil, devolvê pronto acabou? Aí eu pensava, nao, nao e dessa forma. Isso não é justo. Eu pensava comigo. Como o meu portugues não me ajudava. Eu fui pra sala de aula, eu tinha 16 anos. E eu fui porque eu insisti, eu não culpo as pessoas que falaram não pra mim. Eu não digo que eles são culpados, eu digo que é falta de conhecimento sobre nós, sobre nossa história, então isso é muito complicado. Eu levei não em tudo, no trabalho, na escola, no cartório. Eles me falaram “A gente precisa estudar o Estatuto Indigena primeiro pra saber qual resposta te dar”. Isso leva tempo, você ter que esperar. Quando eu fui tirar carteira de trabalho porque você é indigena, é responsabilidade da FUNAI. Que nada, eu sou responsabilidade de onde eu to. Ai seu lugar não é aqui! Como assim meu lugar não é aqui? Quando veem o indigena em contexto urbano, te enxergam como invasor! Ai como eu escuto, sabe? O índio está invadindo a cidade, a cidade que está invadindo (ligação cai). Eu vejo que cada palestra que eu faço eu vejo que é necessário, cada pergunta que as pessoas fazem, é necessário. Eu fiz Linguística Indigena na Unicamp, e eu estava indo na aula e ouvi as pessoas falarem “me explica, eu sempre vejo índio de capacete”. O que capacete? “E.. aquilo que vocês usam na cabeça”, “Aquilo ‘e um cocar”. Aí vai explicar o que é o significado daquilo. Por isso o meu projeto respeita a nossa História, entende? porque a todo tempo a nossa história não é respeitada. E não só a minha história e sim de muita gente que vem pro contexto urbano. Em palestra quando eu falo em demarcação as pessoas falam pra mim “Ah mas você nem vive na aldeia”, eu falo em demarcação porque ser indigena não é pensar em si, é pensar no seu povo, pensar no coletivo, ‘e dividir o que tem ‘e fazer junto. E eu falo, nesse mundo ocidental, eu não me acostumo com isso, não consigo me acostumar .Você vai na casa de uma pessoa se te convida, com a gente nao ‘e assim, você não precisa ser convidado pra ir. No mundo ocidental, parente ‘é aquele que faz parte da sua família, pra nós não, pra nós ‘e nosso povo. A gente tem essa diferença. Isso é muito estranho pra mim.

**Naomi:** Nikita você comentou essa diferença. Trazendo a sua questão da infância na aldeia. Como você aprendeu as coisas. O que vem à sua memória.

**Nikita:** Ah na aldeia, o que eu aprendi, a gente tem um costume no nosso povo guarani nhandeva, o ensinamento dos pais, isso é algo muito sagrado pra nós, todo dia aquele ensinamento. E eu vejo que no mundo ocidental isso não tem sentido. Pra gente sentar em volta da fogueira era um momento de ensinamento dos pais, por isso eu carrego o pensamento dos meus pais na alma, eu carrego os ensinamentos deles enquanto eu existir, porque foi isso que me fortaleceu no contexto urbano. Meu pai sempre falava pra mim "Você é o que você é, você não "é o que as pessoas querem que você seja” Os ensinamentos que carrego na alma. Desde que saí da aldeia, é isso que me fortalece.

**Naomi:** Porque você sai da aldeia?

**Nikita:** Quando eu perdi a minha mãe aos 10 anos de idade. Depois de alguns anos meu pai se casou com uma outra indigena. E não teve filhos com ela, então depois da morte do meu pai, ela não me quis mais, pelo fato de não ser filha dela, por ciúmes também, por tudo isso ela me mandou embora. Isso acontece às vezes, a gente é tirado do nosso povo. E isso ficou

escondido por muitos anos, E eu sempre pensava no contexto urbano, um dia eu vou reencontrar toda a minha família. Meus irmãos, quando eles foram me buscar, ela já tinha me levado embora, eu fui pra Valinhos. Eles me trouxeram escondido. Eu voltei pra aldeia aos 18 anos. Aos 14, o casal queria me devolver para a aldeia, mas aí eu pensei que não era hora, então eu procurei emprego com 13 anos. Eu não queria ser devolvida desse jeito. Imagina, eu fui morar sozinha com 13 anos, é muito difícil uma menina de 13 anos morar sozinha. E eu passei por coisas que eu não costumo falar. Mas eh.. eu passei por coisas muito complicadas na vida, sozinha. Quando eu disse pra esse casal que ia sair de casa. Ela disse pra mim, você sair pra fora do portão, não quero você voltar aqui pra pedir comida com filho no braço. Você faz a sua escolha, tem coisas lançadas contra nossa vida que você escolhe, ou ela te derruba ou ela te levanta. Essa frase, doeu mais que um tapa. Eu vi essa frase como algo para me fortalecer. Essa não vai ser a minha história. Aí foi quando eu saí da casa dela, comecei a trabalhar, mas não tinha carteira de trabalho. Tentei três vezes tirar meu RG, aí lembro de sentar na calçada e pensar “puxa vida, como é difícil ser indígena na cidade”. As pessoas têm que ter conhecimento sobre nós, sobre a lei, para sermos ajudados. Por isso levo a necessidade de buscar saber e conhecer o nosso povo. Porque quando se depara com o indígena não sabe o que fazer. A gente quer ajuda de leis e direitos. Eu entrei numa empresa aos 13 anos, durante 4 anos, porém sem registro. A identidade ela se chama rani (certidão de nascimento indígena). Depois de muito tempo eu trabalhei em uma empresa durante 15 anos. E eles não aceitavam os meus documentos, então no final, eu ia perder todos os meus direitos. Aí tive que ir na FUNAI, no Ministério do Trabalho e pensei “eu não posso perder esse direito. Eu preciso de ajuda, alguém tem que me ajudar, eu fiquei 3 meses correndo entre FUNAI e ministério do trabalho, entre Mato Grosso do Sul e São Paulo para ter uma ajuda. Acham que a gente não é civilizado. Aqui no mundo ocidental o papel é mais importante que a vida do ser humano, isso é muito estranho pra nós. Eu vim de um povo que o ser humano é mais importante, que a palavra e’ como uma assinatura. Eu não preciso de papel para provar a minha palavra. E aqui isso é muito diferente pra mim, até hoje não consigo me acostumar. Tenho 45 anos e não consigo me acostumar.

**Naomi:** A gente está trazendo essa temática na aula. Quanto a história falada e’ a História viva, e o quanto a gente perde no mundo ocidental por ser negligente a essa parte de nós.

**Nikita:** É exatamente. Nos meus trabalhos de escola, infantil, formação de professores. Sempre falo. Vocês falavam sobre isso na escola, e eles respondiam que nunca tiveram esse tipo de aula. Eu levo isso, em todo espaço onde eu sou convidada, falou sobre a nossa realidade, entende. Recentemente eu estava com algumas meninas no McDonald 's, e a mesa ao lado disse “mas índio no McDonald' s?”. E’ como se você estivesse num espaço, e este não é o seu espaço. Se eu tenho condições, é lógico que eu tenho o direito de ir. Eu sempre digo que o indígena pode estar em qualquer lugar. Eu sempre trabalho na escola com vários temas, para levar a história e cultura indígena para a sala de aula. Quando veem grafismo, por exemplo, eu sou muito de usar pintura. E quando as pessoas me veem pintada, dizem “Ai essa tatuagem”. Nao, ‘e uma tatuagem é uma pintura corporal que tem história, tudo tem um significado para nós e é importante as pessoas conhecerem.

Tive uma aula e a professora falou assim, que um aluno perguntou do que eram feitas as tintas indígenas e ela respondeu que de folhas de árvore. Eu respondi que não, a tinta é feita de uma fruta. Cada detalhe é importante para uma criança. Já ouvi de gente de mais de 60 anos, que ouviu sobre isso no passado de seus pais. A importância de uma indígena estar em uma sala de aula falando e mostrando a realidade, isso é muito importante para levar o conhecimento da nossa história.

**Naomi:** Você comentou que começou a frequentar a escola particular aos 16 anos. Você fazendo esses projetos na escola e experienciando a escola quando jovem, quais contrastes enxerga?

**Nikita:** É emocionante, porque até os meus 16 anos eu passava em volta da escola e ouvia o barulho de criança. E eu amava ouvir esse barulho porque eu queria estar lá também. Fui pra sala de aula só com 16 anos. Estudei, porém não tinha direito de ter um boletim, estava ali só pra estudar. Consegui entrar em uma sala de aula só porque eu fiz aula de português. Tive que pagar. Se você tem dinheiro você consegue, se não tem, você não consegue. Não tenho um diploma porque não tive esse privilégio. Sempre falo que é necessário estudar nesse país, mas tem sabedorias que vem de coisas da vida, da alma. Só assim consegui ter sabedoria de saber o que era o melhor pra mim. Lógico que escola ajuda, faculdade mais ainda, porém nada substitui o ensinamento dos pais.

**Naomi:** Na questão da escola, você lembra de alguma experiência que te marcou?

**Nikita:** Lembro que quando eu ia pra escola, tudo era muito difícil, mas consegui aprender muito. Coisas que me marcaram... tiveram coisas que foram legais mas também que me machucaram, tive que ficar separada das pessoas, por não ser igual. Mexeu muito com o meu psicológico. Mas sempre lembrava dos ensinamentos do meu pai. Ele me disse que um dia eu iria embora, e eu negava. E dizia que eu ia conseguir aquilo que meu coração deseja. Até então quando eu vim pra cá, eu nunca tinha vindo para a cidade. Foi um choque muito grande e eu estar na escola, era um sonho, porque eu levava não todo tempo e depois voltar hoje, desde 2016.. não acho que 2015 que eu comecei a dar aula na escola mesmo. Em todas as aulas eu me emociono. Sempre amei estar em sala de aula. Sempre quis ser professora de português para dar aula na minha comunidade. Sempre trabalho com material direto da minha aldeia. Conheço o contexto urbano e a realidade de quem vive na comunidade. Quando eu vou pra sala de aula, dependendo da idade, eu falo das ervas medicinais, grafismo, como é feito a tinta, quais são os significados. É muito gratificante estar em sala de aula, eu mais aprendo do que ensino.

**Naomi:** Eu compartilho com você desse sonho. Desde muito pequena o meu sonho era ser professora. Em que escola você acaba dando aula hoje?

**Nikita:** As escolas em Campinas, fiz muitas palestras na Unicamp, PUC, outras escolas particulares e escolas públicas. E? Lei neh, sempre bom levar a lei 11.645 para sala de aula.

**Naomi:** Muita gente ou desconhece, ou se faz desentendido quando se fala nesta lei. Através de que meios você acha que podemos aplicá-la nas salas de aula?

Complicado. Porque cada aula, cada palestra eu vejo a necessidade nas perguntas, como desconhecem muito a nossa história, e quando fala indígenas em contexto urbano, te enxergam como se a todo tempo você tivesse que estar pintado. Eu não tenho que estar pintada pra ser indígena. Eu amo os meus grafismos, hoje por exemplo eu estou sem grafismo. Não é todo tempo. Ouço tanto “Me conta quando você era indígena?” Eu não era eu sou. Somos indígenas com o passado, e somos contemporâneos.

**Naomi:** O Projeto Respeita nossa história, e’ para pessoas não indígenas, neh?

**Nikita:** Sim

**Naomi:** Como podemos trazer a sala de aula, eu convivo com pessoas que querem ser professores, e essa é uma dúvida que sempre surge.

**Nikita:** Eu vejo que muitas vezes as pessoas tentam levar para sala de aula, mas que muitas vezes, essas coisas, não são reais, contam uma história lida num livro. Eu acho importante um indígena falando em sala de aula. Sempre gosto de falar com adolescentes porque é uma fase no mundo ocidental muito interessante. Até 10 anos atrás eu vivia sozinha, fui casar agora com 38 anos, então, eu vivi o tempo inteiro sozinha. Aos 14 anos, imagina! Viver sozinho é muito complicado. Eu vou te falar uma historia real, eu nao sou de falar disso, mas eu quero falar sobre isso, para as pessoas escutarem e refletirem sobre. Com 15 anos que eu morava sozinha, um vizinho meu, entrou dentro da minha casa, eu so tinha 15 anos, então ‘e todo tempo voce tendo que se preservar porque coisas podem acontecer, sabe? Tendo que se preservar pelo fato de ser mulher, ser indígena. Isoo nao acontece s’o comigo. Na adolescência é importante se preservar para que algo não aconteça. Ele entrou me amarrando e eu sozinha. Voce imagina o medo, o susto que tomei. E voce ter que superar esse medo porque você é sozinha. Superar o medo de sair no portão, superar o medo de qualquer barulho. Logico que nao aconteceu nada, que eu nao sei de onde eu consegue gritar para as pessoas ouvirem que eu estava pedindo socorro. Quando o socorro chegou, ai sim que eu passei mal, foi mais uma vitoria minha. Eu sempre falo, eu sou protegida dos ceus.

Aos 18 anos eu comecei a namorar o meu primeiro namorado. E os pais dele, nao gostaram, pelo fato de eu ser indígena, ai ele veio no portao da minha casa e alou que nao queria eu namorando o filho dele. Eu disse que nao aceito isso no portao da minha casa. As pessoas me enxergavam s’o, sem familia, distante. Mas nao conhecem a minha historia. O indígena que vem pra cidade, vem pra trabalho, pra estudo, e as pessoas julgam sem saber a historia. Eu vivo no contexto urbano hoje porque era o meu destino, tive que passar por todo esse processo. As vezes as pessoas perguntam pra mim “Ai Nikita, nao te machuca te lembrarem do seu passado?”. Eu respondo que “nao, ele me fortaleceu, cada detalhe, porque eu tive que escolher, lutar, falar mais , respeitar mais. Hoje que eu levo, ‘e tudo aquilo que eu vive e passei. Foi por falta de conhecimento muitas coisas que aconteceram comigo, por isso ‘e

necessário falar sobre, tudo isso e mais um pouco (risadas). Por isso sempre falo “Eu sou uma linda e bela história”.

**Naomi:** Uma linda História. Eu ia perguntar um pouco sobre o seu projeto Respeita Nossa História. O que acontece nessas salas de aula que você fala com tanta paixão

**Nikita:** Ahh... Muita coisa (risadas). Sempre ouço muita coisa. E ver a curiosidade ‘é muito bom! Uma criança falou pra mim “Ai Nikita, eu sempre tive medo de índio, meus pais falavam que eles matam, são bravos, são ruins”, eu perguntei porque eles falaram isso. Mas já sabia a resposta, é porque eles não sabem a nossa história. A curiosidade das crianças na sala de aula ‘é muito gostoso. Quando começo a ensinar dança, ‘é tudo muito legal, como eles enxergam a nossa dança, o pra que e o porque dessa dança. Os objetos que eu levo, cada idade eu trabalho um tema. Tudo isso ‘é muito bom de você passar essas informações que eles não conhecem e sabem.

**Naomi:** Quando soube que iria te entrevistar, fiquei com uma pergunta na minha cabeça por dias, que seria “qual a sua relação com a arte”, porque a minha pelo menos, ‘é muito conturbada (risos).

**Nikita:** Nosso povo, a maioria se relaciona com a arte. Falando em arte, nosso povo no contexto urbano, vive mais da arte. Acho isso muito importante, porque não temos muito espaço nesse lugar urbano, o espaço pra venda, por isso muita gente não consegue viver aqui no contexto urbano. Vejo muitos estudantes que tem artes bela e não tem esse espaço, como eles vão viver?. Eu não trabalho com a “arte” (fazer e vender), eu costuro há 26 anos. Faço camisetas, vendo as camisetas do meu projeto. Há 5 anos sou professora de corte e costura dentro de uma empresa, onde até hoje eu trabalho, estou com alguns trabalhos em andamento com essas vendas nas palestras que me ajudam com passagem. Eu vendo as minhas camisetas e o dinheiro mando para a aldeia, esse dinheiro vira a comida do meu irmão e das crianças. É um dinheiro que lá faz a diferença.

**Naomi:** E qual a relação com a sua aldeia hoje em dia?

**Nikita:** Bom, ano passado eu não pude ir. Geralmente eu vou 4 vezes por ano. Esse ano eu fui para a aldeia em dezembro (2020) e cheguei na aldeia muito mal, como ‘é época de pandemia, não fiquei muito tempo, fiquei só 2 dias. Tive muita febre e fiquei com medo de ficar lá, a aldeia estava fechada. Não segui a diante porque meus irmãos moram em aldeias próximas a minhas, mas nem consegui visitá-los.

**Naomi:** Na sua aldeia tem escolas?

**Nikita:** Tem escolas maravilhosas lá, tem várias. É muito gostoso lá. A Aldeia Porto Lindo ‘é uma das primeiras aldeias que tem faculdade dentro da comunidade. Está bem legal essa área da educação lá

**Naomi:** Que Otimo!! Voce faz algum projeto nessas escolas e faculdade da comunidade?

**Nikita:** Ainda não, eu ia fazer ano passado. Todo ano tem encontro com professores indigenas onde cada um mostra seu trabalho na comunidade, eu ia para mostrar meu trabalho no contexto urbano. Eles admiram muito meu trabalho aqui, porque eu sou muito apegada ao meu povo. Esse encontro ocorre sempre no mes de junho, mas infelizmente esse ano nao vai acontecer.

**Naomi:** Que bom que voce esta com projetos encaminhados la'. Quando estava estudando sobre a escola na aldeia, fiquei com uma pergunta em mente .. Nas escolas da comunidade eles aplicam uma experiencia intercultural. Minha pergunta seria que “é possivel trazermos esse contexto de Escola Intercultural no contexto urbano?

**Nikita:** Claro. COM certeza. Acho muito interessante. Na cidade a gente nao ve isso, em relacao a educacao a gente nao ve quase nada disso. Por isso é importante que qualquer trabalho relacionado esteja nas escolas, porque é muito necessário

**Naomi:** O Gerssem Baniwa diz que o sonho dele é viver a ponto de presenciar a primeira cidade intercultural. Você consegue enxergar alguns meios de decolonizarmos a cidade?

**Nikita:** (risos) Isso é o que mais precisamos, precisa porque é muito complicado a cidade. Muita coisa, muita coisa que não se encaixa nela.

**Naomi:** Nikita, estou muito agradecida de voce participar dessa conversa. Para finalizarmos, queria fazer apenas mais uma perguntinha. Sobre o grafismo, o que ele fala sobre voce Nikita e sobre o seu povo?

**Nikita:** O grafismo tem muito significado pra gente porque ele ‘e muito sagrado pra nos. Quando enxergam o grafismo acham que ‘e uma tatuagem ou s’o uma pintura. A tatuagem foi tirada da propria pintura corporal, ela tem uma tinta quimica e no grafismo nao tem produto quimico. O grafismo pra nos ‘e feito com a tinta natural do jenipapo. Cada um tem um significado. Eu gosto muito de fazer o mapa guarani, acho que ela tem um signo muito forte pra mim . O mapa diz que todo espaco tem indigena. Eu vou numa festa, eu uso um tipo de grafismo. Se eu vou numa festa e sou solteira, uso uma pintura de solteira, se eu sou casada, uso outro tipo de pintura. EU chegar com esse grafismo nesse local de festa, s’o quem conhece a pintura vai saber. Tem grafismo pra festa de casamento, de ir a luta, de grávida. Meus preferidos sao o grafismo de guerreira e do mapa.

**Naomi:** Os grafismos guaranis, por terem tracos retos, sempre relacionei eles com caminhos. Que lindo saber que sao mapas.

**Nikita:** Sim! Algumas etnias, meu povo por exemplo, usa o preto e o vermelho, que ‘e o jenipapo e urucum, mas tem etnia que usa branco, amarelo. Depende de povo pra povo. Cada

povo tem o seu cocar, um 'e maior outro 'e menor. Meu povo por exemplo, os homens usam cocar e as mulheres usam tiara. Eu tenho um aqui, se eu puder pegar...

**Naomi:** Claro!

**Nikita:** Oh, esse aqui 'e uma tira

**Naomi:** Ela 'e feita de flores?

**Nikita:** Nao! Sao penas naturais

**Naomi:** Nossa parecem flores, que lindo

**Nikita:** Essa tiara as mulheres que usam, e eu tenho outras cores ali. E tem esse aqui que tambem 'e de pena natural. E o cocar que eu vou te mostrar.. Tem etnias que as mulheres usam cocar, mas tem etnia que nao. Esse aqui 'e bem pequeno, 'e feminino, 'e de papagaio.

**Naomi:** Esse 'e da sua aldeia?

**Nikita:** Nao, 'e da aldeia Kareri Choco e esse aqui 'e dos Fulnio-o. Eu peguei com uma amiga Funi-o. Acho tudo tao bonito. Tem tambem a maraca , que 'e o instrumento musical que usamos nas dancas. A gente usa muito. Tem gente que fala chocalho, mas na verdade 'e maraca. Tem alguns grafismo nela.

**Naomi:** Que lindo! Nao sabia que haviam grafismos nos instrumentos

**Nikita:** Esse grafismo 'e do povo, esse grafismo 'e do povo Kaingang, eu ganhei de uma kaingang. olha o som do barulhinho (risos)

**Naomi:** Você pega esses objetos e fala "a esse aqui foi uma amiga que me deu, esse aqui foi de outra" Essa união entre você e as mulheres se deu na cidade. Voce encontra outras mulheres indígenas em contexto urbano que você se sentiu acolhida e elas acolhidas por você?

**Nikita:** Sim! Muitas! Aqui em Campinas tem mais 1.043 indígenas segundo o IBGE, mas tem muito mais com a chegada dos acadêmicos. Quando eu encontrei, na verdade quem acolheu fui eu, porque eu encontrei uma na Unicamp que ela tinha medo do viaduto. Eu muitas vezes sai da minha casa pra ir na Unicamp porque ela nao estava se sentindo bem, era muita coisa na cabeça dela, muito barulho, muita gente pra la, muita gente pra ca. Nos fomos pra Sao Paulo e ela desmaiou no metrô, isso era muito diferente para ela. E eu falando ah voce consegue. Ela fala que eu sou maezona, mas eu tenho quase a mesma idade que ela (risos). Como eu ja passei por tudo isso, 'e importante ajudar. Tudo isso 'e uma cicatriz de algo que me machucou e nao doi mais. E' como voce se cortar com algo, ele doi na hora,



sangra, mas depois ele sara. QUando voce olha pra ele, voce sabe o que te machucou, mas nao doi mais

**Naomi:** Que força

**Nikita:** As academicas que eu encontro. Vem aqui estuda e nunca saiu da aldeia, mexe muito com o psicologico. Quantas vezes eu fui de madrugada pra conversar com elas. Ai elas falam que eu sou uma pessoa que esta disposta a ouvir, que da forza. Quando elas pensam em desistir eu falo “Cheguei aqui com dez anos sem falar potugues, voce chegou aqui numa universidade! Para com isso (risos)! Ergue a cabeça.

**Naomi:** Que sorte elas terem voce para dar esse apoio! Esse contato com a universidade ‘e recente?

**Nikita:** Nao, faz tempo ja. Com a pandemia deu uma parada. Estava com um projeto para acontecer em Sao Carlos e em Sao Francisco. EM Sao Francisco eu fiz uma palestra pra 200 professores, pessoas estudadas. Que que eu sou? Nao sou estudada. Ai ouvir uma pessoa estudada numa universidade tao chique te falar: “ O que voce fala a gente nunca parou pra pensar, algo que daqui pra frente a gente vai pensar diferente”. Ai eu vejo a importancia de levar isso em todos os espacos. Eles tem que aprender a nossa historia pra Respeitar. Quando o governo bota a PEC 215, do marco temporal, que a nossa historia começa a partir de 1988, querem nos fazer engolir que a nossa começa em 1988. Mais uma vez a nossa historia nao sendo respeitada. Quando falam de marco temporal, a constituicao existe no papel mas nao ‘e colocado em pratica quando falam em demarcacao de terra para indigenas. Eu passei na pele o que ‘e viver num espaco onde voce ‘e ameaçado o tempo todo, por causa de arvore e natureza. Eu vive na aldeia quando crianca, o meu pai sendo ameaçado, amecava matar os filhos, porque se eles nao tirassem uma madeira que eles queriam.. Destroem o que ‘e nosso e nos enxerga como se fosse invasores de terras. E’ nosso espaco. E todo espaco que tem um indigena ele ‘e muito ligado a natureza. NInguém consegue explicar oque a natureza significa pra nos. E’ algo que cura e ninguem nunca vai entender essa relacao nossa coma natureza. Sempre falo que ‘e o lugar que me cura e me traz paz. As pessoas nao enxergam. Quando enxergam terra, enxergam sujeira. Eu nao sujo os meus pes quando piso na terra, eu to adquirindo vitamina pro meu corpo. A Terra ‘e uma escola para o nosso povo, ‘e assim que a gente enxerga a terra. Da terra voce vive, sua casa esta em cima de uma terra. Tem cimento, tem bloco, mas tem terra. E quando voce morre, ela te acolhe. Eles so enxergam a terra como lucro e nao como algo para cuidar, nao enxergam como natureza. Pra nos ver a destruição da natureza, doi a alma, porue a gente sabe a importância dela, a gente não consegue nem explicar qual ‘e a importância dela, só sente, e aquilo que eu sinto, eu não consigo explicar.

**Naomi:** Com a emoção que você fala, já explica

**Nikita:** Ser indigena ‘e você não viver na aldeia, mas a aldeia vive dentro de você. A cidade não faz de mim menos indigena.

**Naomi:** Nikita, que relato, que honra ter conseguido essa oportunidade de conversarmos. Você não sabe o quanto você ensina pra gente quando você fala!

**Nikita:** Eu que agradeço esse convite. Isso tem uma importância. Renova as minhas forças, porque a saudade do povo, da família, do canto bate. Como a minha amiga diz "coração na aldeia e no mundo", o pé aqui e o coração lá.

**Naomi:** Nikita o'que vocêalaria para esses futuros professores que te ouvem agora?

**Nikita:** Diria que há muita importância na vida e no ensinamento. A importância de levar esse tema à sala de aula. Levar a verdade e essa história que é real. Independente de raça, cor e etnia, que esse respeito faça parte.

**Naomi:** Muito Obrigada Nikita, por hora é isso. Bom.. vou parar de gravar aqui!